

PROJETO WAIÁPI
ORIENTAÇÃO NA GARIMPAGEM MANUAL DE OURO

CEDI - P. I. B.
DATA 21.12.93
COD. WAD.00052

Sinopse

Assessoria aos Waiápi das aldeias Aramirã e Mariry, através de uma orientação técnica, fornecida por geólogos, para melhorar a garimpagem manual de ouro realizada por estas comunidades locais. Pretende-se, com isso, apoiar uma atividade estratégica para os Waiápi, uma vez que conduz à autonomia de suas atividades econômicas e, sobretudo, garante a ocupação e o controle da porção norte da AI Waiápi (cabeceiras dos rios Aimã e Nipuku), onde se situam os garimpos explorados pelos índios.

Paralelamente, este projeto prevê dar continuidade ao projeto de educação em saúde na área indígena, através da visita de um médico, que nesta etapa avaliará a situação de saúde das famílias que trabalham nos garimpos controlados pelos Waiápi.

A experiência do garimpo indígena

A área indígena Waiápi, delimitada em 1985, inclui 11 aldeias - entre aldeias permanentemente ocupadas (sede de postos de assistência) e aldeias ocupadas intermitentemente. A população atual do grupo é de cerca 400 pessoas.

Os Waiápi assumiram para si a garimpagem manual do ouro em 1982. A iniciativa partiu do líder do grupo local do Mariry, o Capitão Waiwai, que organizou a captura de um dos invasores do garimpo Tres Pedacos, situado a dois dias de viagem da aldeia.

Desde então os Waiápi de Mariry tem explorado sistematicamente esta grota e outras três, "descobertas" pelos índios nos últimos dois anos.

A localização dessas grotas corresponde ao interflúvio Nipuku / Aimã, onde estão sendo construídas novas aldeias. A ocupação recente da área mostra a intenção dos Waiápi de preservar toda esta zona de cabeceiras, ameaçada por uma proposta de criação de FLONA.

As atividades no garimpo seguem o ciclo normal de atividades de subsistência. Perto do local foi aberta uma grande roca que permite a permanência prolongada das famílias e sobretudo sustenta a vida ritual tradicional: o duro trabalho no garimpo é assim compensado pela realização regular das festas de caxiri. Ir ao garimpo é portanto comparável a um estadia numa aldeia secundária, para onde se deslocam regularmente os grupos residenciais, aproveitando dos recursos faunísticos e uma coleta mais farta que nas proximidades da aldeia.

Na produção, vigoram também modalidades tradicionais de divisão do trabalho. Cada barranco é controlado por um grupo residencial, sob a supervisão do Capitão Waiwai que também preside à

distribuição do ouro e à sua comercialização; o ouro pertence ao chefe de família que abriu o barranco e fornece a seus ajudantes as mercadorias adquiridas com a venda do minério.

A comercialização do ouro através da FUNAI, como era previsível, gerou inúmeros conflitos: os índios entregavam individualmente seu ouro e recebiam um pedaço de pano e alguma munição, numa distribuição que confundia "donos" e "ajudantes" dos barrancos. Desde a criação da ADR em Macapá, a situação mudou e os líderes tem tido oportunidade de ir regularmente à cidade para vender sua produção, garantindo o mínimo de autonomia para as transações comerciais que cada grupo pretende realizar individualmente.

Pressões e ameaças

Até o momento, o aumento da produção através da mecanização do garimpo não interessou aos Waiãpi, pois o principal objetivo da comunidade é a de obter as mercadorias - essencialmente pano vermelho e munição - que no período da "atração" eram oferecidas pelo Posto. Para isso, a pequena produção manual foi considerada suficiente, até o momento.

Desde que os Waiãpi assumiram de modo autonomo o trabalho no garimpo do Aimã, os garimpeiros da região, inconformados com a atitude dos índios vem tomando nos últimos anos, continuam propondo "negócios" aos funcionários da Funai ou a alguns líderes que encontram em Macapá. Essas propostas, até o momento, foram recusados, uma vez que os Waiãpi ainda preferem pedir apoio e equipamentos à FUNAI.

No entanto, alguns indivíduos das aldeias Mariry e Aramirá passaram a se interessar na compra de maquinário, visando expandir a produção de um garimpo exclusivamente indígena. Este "projeto" é regularmente reapresentado em momentos críticos das relações com a Funai, especialmente quando os índios constataam que os recursos alocados ao Posto se tornam ainda mais irrisórios que de costume, quando há falta de combustível e de equipamentos minimamente necessários à assistência na área - especialmente para deslocar os doentes.

É provável, a curto prazo, diante das pressões contínuas e da degradação da assistência fornecida pela Funai, que os líderes Waiãpi aceitem a presença de garimpeiros ou pequenas mineradoras. Na atual situação de contato dos Waiãpi, é possível prever que as condições de trabalho e os "contratos" propostos por estes garimpeiros serão dificilmente controlados pelos índios.

Orientação e apoio ao garimpo indígena

A assessoria que se pretende fornecer aos Waiãpi, no sentido de maximizar sua produção manual de ouro, é fundamental no momento em que se intensificam pressões que levariam os índios a aceitar a presença de grupos de garimpeiros ou pequenas mineradoras na área. Ao mesmo tempo, o apoio à garimpagem indígena na bacia do

Aimã/Nipuku permitirá aos Waiãpi controlar mais sistematicamente esta área, permanentemente ameaçada de invasões ou de corte (proposta de criação de uma Floresta Nacional, apresentada em 1989 pelo Calha Norte).

Este projeto prevê a visita de dois geólogos, acompanhados por uma antropóloga, na área dos garimpos controlados pelos Waiãpi. Durante esta visita - de aproximadamente 15 dias - os geólogos fornecerão orientações aos índios, no sentido de melhorar a garimpagem manual de ouro, para maximizar a produção e propor alternativas ao uso de mercúrio. Os geólogos também avaliarão, juntamente com os índios, o potencial das diferentes grotas, colhendo-se amostras para análise de laboratório.

De acordo com a solicitação dos índios, um de seus representantes virá à São Paulo antes da visita dos geólogos na área, para entrar em contato com entidades e indigenistas e ser informado da situação das áreas indígenas, especialmente no que diz respeito à questão mineral. Trata-se de Nonato, um dos líderes Waiãpi mais envolvido na questão do garimpo. Durante sua estadia, este índio realizará exames clínicos para verificar se foi atingido pelo uso de mercúrio - como se suspeitou em 1989, quando ficou seriamente doente.

Previsão orçamentária

1. Estadia do representante Waiãpi em São Paulo
 - passagem Macapá / São Paulo / Macapá
 - alimentação (15 dias)

2. Despesas de transporte e estadia na área indígena#
 - 4 passagens São Paulo / Macapá / São Paulo (para os dois geólogos, um médico e a antropóloga)
 - combustível para o deslocamento entre Macapá e aldeias
 - alimentação e hospedagem (15 dias para 4 pessoas)

3. Serviços
 - serviços técnicos (geólogos)
 - análise de laboratório

4. Pequenos equipamentos
 - sacos plásticos / fitas / material para coleta
 - duas retortas (filtro mercúrio)
 - medicamentos

São Paulo, 25.06.90

PROJETO WAIAPI
ORIENTACAO NA GARIMPAGEM MANUAL DE OURO

Orçamento

TRANSPORTE

1. cinco passagens SAO/MCP/SAO.....2.500 *
2. combustivel (diesel - barco).....150
Total.....2.650

HOSPEDAGEM e ALIMENTACAO

1. hospedagem/alimentação índio em SP.....100
2. hospedagem/alimentação equipe no Amapa
- hotel.....180
- alimentação Macapá.....100
- alimentação na área indígena.....150
3. presentes para a comunidade.....300
Total.....830

SERVICOS

1. serviços técnicos (geólogos 150 /dia x 15).....2.250
2. levantamento DNPM (mapas/overlay/listagem).....300
3. análises laboratório (50 amostras solo/rocha).....900
Total.....3.450

MATERIAL

1. material de campo e remédios.....200
2. equipamentos: 2 retortas.....250
Total.....450

TOTAL = 7.380,00 \$

* preço atual# sujeito à aumento